



Tecelagem de territórios: a experiência da Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira - SP

Paolo Marti Grasson Pereira de Souza Viola¹; André Ruoppolo Biazoti²

¹Bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: paque.viola@gmail.com; ²Bacharel em Gestão Ambiental pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (Esalq – USP). Mestrando em Ciências no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ecologia Aplicada (PPGI-EA). Pesquisador no Laboratório de Educação e Política Ambiental (OCA/ESALQ). E-mail: andrebiazoti@gmail.com.

Resumo: A Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira - SP foi uma realização da Rede de Núcleos de Agroecologia da Região Sudeste e da Articulação Paulista de Agroecologia, por meio do Projeto Comboio Agroecológico Sudeste/CNPq. Desde a preparação para o III Encontro Nacional de Agroecologia, o Movimento Agroecológico tem buscado fazer um exercício descentralizado de análise coletiva sobre os diferentes padrões de desenvolvimento rural dentro de cada território, utilizando as Caravanas Territoriais como metodologia. O projeto Comboio se propôs a realizar este exercício entre os estados do Sudeste. A Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira-SP foi uma das quatro Caravanas estaduais realizadas no âmbito do projeto. Seu principal objetivo foi realizar um processo formativo com as seguintes dimensões: intercâmbio de experiências e interação cultural entre os participantes; reflexão sobre as questões territoriais sob a ótica da agricultura familiar camponesa.

Palavras-chave: caravana; educação; intercâmbio.

1. Introdução

Nos últimos anos, algumas políticas públicas estruturantes têm fortalecido a Agroecologia em múltiplas esferas de ação e reflexão. Das Universidades e Institutos de Pesquisa até os roçados dos assentamentos da Reforma Agrária, passando por quintais produtivos em grandes metrópoles ou mesmo por grupos de consumo e organizações de agricultores, a Agroecologia tem se colocado como



importante alternativa para a superação de inúmeros desafios existentes no sistema agroalimentar brasileiro. No campo científico, a Agroecologia vem se amparado em crescentes contribuições de diversas áreas do conhecimento, inclusive das Humanidades.

Um dos pontos centrais que orientam a Agroecologia enquanto ciência é justamente a perspectiva crítica à ideia da ciência moderna como produtora exclusiva de conhecimento. Parte-se, ao contrário, da noção de que o conhecimento moderno é sim um saber “histórica e geograficamente situado”, ou seja, apesar de reivindicar-se como universal, é europeu, e surge em um momento histórico específico (GONÇALVES, 2002, p. 217). Nesta perspectiva crítica, a Agroecologia procura encontrar caminhos epistemológicos através das chamadas epistemologias do Sul, em alusão a um pensamento capaz de realizar traduções interculturais em uma construção dialógica, recuperando e valorizando saberes não-ocidentais (SANTOS, 2007), até então negados ou relegados a um status de inferioridade, com atribuições como as de “saberes locais” ou “provincianos” (GONÇALVES, 2002). Na perspectiva do Movimento Agroecológico, entendido aqui como um espaço de articulação entre teoria e prática que extrapola bastante o universo acadêmico, o desafio do diálogo se mantém. A chamada construção do conhecimento agroecológico, termo adotado de forma ampla pelo Movimento Agroecológico, dentro e fora da academia, também pressupõe o diálogo horizontal entre os diferentes saberes. A contribuição teórica de Paulo Freire, no campo da pedagogia, revela-se cara a esta perspectiva, que incorpora a relevância do saber popular nos processos de assessoria técnica e Educação em Agroecologia (LUZ, 2007).

As caravanas territoriais surgem no contexto de mobilização para o III ENA - Encontro Nacional de Agroecologia, realizado em 2014 em Juazeiro - BA. É pertinente lembrar que foi durante o Encontro Nacional de Diálogos e Convergências, realizado em 2011, em Salvador - BA, que o Movimento Agroecológico, em diálogo com outros movimentos com horizontes políticos semelhantes, incorporou o conceito de “território como unidade de análise” fundamental para uma leitura mais completa e integrada dos agroecossistemas e das experiências agroecológicas concretas (DORNELAS, 2016, p. 87). Este mesmo encontro estabeleceu a perspectiva de construção dos debates com base nas experiências concretas como metodologia de diálogo acerca dos assuntos pertinentes àquele momento,



assim como a diretriz da articulação entre denúncia, crítica, resistências e anúncios de construções de alternativas (DORNELAS, 2016).

Partindo deste repertório, o projeto do Comboio Agroecológico do Sudeste é criado no âmbito das Universidades, porém em diálogo e articulação com as organizações da sociedade civil, as articulações estaduais de Agroecologia, associações e organizações de agricultores e outras expressões coletivas com protagonismo dentro do Movimento. A proposta do Comboio é fortalecer a articulação da Rede dos Núcleos de Estudo em Agroecologia (R-NEAs) da região Sudeste para que possam partilhar processos, práticas, metodologias e discussões inter, multi e transdisciplinares.

Neste resumo, procuraremos dar o enfoque na principal atividade e metodologia adotada pelo projeto: as Caravanas Agroecológicas e Culturais, tomando como referência a Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira - SP, realizada entre os dias 17 a 21 de maio de 2016.

Inspiradas nas Caravanas territoriais já mencionadas, as Caravanas do projeto Comboio procuraram criar um ambiente de socialização de conhecimentos, práticas, leituras de mundo e da realidade, bem como de intercâmbio cultural entre os mais diversos sujeitos envolvidos com a Agroecologia: agricultoras e agricultores, estudantes de diversas áreas do conhecimento, técnicos, professores, pesquisadores, grupos culturais, militantes de movimentos e representantes de instituições socioambientais, camponeses indígenas, quilombolas, caiçaras, hortelões urbanos e outros.

2. Caravana Agroecológica e Cultural: diretrizes, concepções e metodologia

As Caravanas abrangem múltiplos processos com diversos matizes, em que se destacam: a potencialização das articulações políticas entre territórios distintos; o empoderamento de comunidades e organizações camponesas pelo protagonismo que suas narrativas assumem no encontro com outros sujeitos; o processo educativo que envolve os participantes a partir do encontro direto e da reflexão coletiva acerca de realidades rurais no contexto de seus territórios; e, por fim, o processo educacional, que acontece a partir da apropriação de ferramentas e estratégias de comunicação voltadas para um público externo, que não vivenciou a experiência propriamente dita ou que não possui



repertório de experiências semelhantes, nem apropriação do debate trazido pela Agroecologia.

A estrutura da Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira/SP baseou-se em um conjunto de diretrizes construídas ao longo do projeto Comboio, descritas a seguir.

A construção de Rotas (percursos) de visitas às experiências agroecológicas, partindo cada uma de um ponto, em geral cada uma de um estado (MG, ES, RJ e SP), realizando cada uma um percurso distinto e com um tema específico, porém todas partindo simultaneamente e direcionando-se para um mesmo local de culminância. A culminância foi o município de Barra do Turvo, Vale do Ribeira - SP. Foram cinco rotas no total, que serão descritas e analisadas mais adiante.

Nas visitas às experiências, o protagonismo narrativo é dos anfitriões, agricultoras e agricultores. Toda reflexão, discussão, intercâmbio cultural e de saberes parte daquilo que eles apresentam sobre sua própria experiência. Aqui, reconhece-se o diálogo direto com o princípio da Transformação e da Complexidade na Educação em Agroecologia, principalmente pelo fato de promover uma prática emancipatória que visa o protagonismo dos sujeitos na construção de relações sociais solidárias e por criar um ambiente em que os/as agricultores/as atuam como educadores/as no processo de formação.

O público participante é diverso e como forma de garantir a pluralidade de atores da Agroecologia estabelece-se a prioridade para agricultoras e agricultores, mulheres e jovens. Busca-se garantir equidade de gênero, bem como de distribuição geográfica das vagas no estado como forma potencializar a representatividade dos múltiplos territórios e regiões espalhadas pela região Sudeste. Aqui, reconhece-se o diálogo direto com o princípio da Diversidade na Educação em Agroecologia.

No âmbito científico, esta pluralidade de sujeitos é orientada no sentido de promover uma atividade crítica e investigativa, em que a pesquisa da realidade, a capacitação dos envolvidos e a produção do conhecimento sejam dimensões inseparáveis e interligadas. Assim, consideramos que os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa-ação, trazendo consigo a perspectiva da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, são diretrizes importantes e coerentes com o caráter da atividade. Reconhecemos esta diretriz em sua relação com os princípios da Transformação e da Complexidade na Educação em Agroecologia, principalmente por entendermos que ela se orienta



para formar profissionais que coloquem os seus conhecimentos a serviço das classes populares, bem como por sua articulação entre a pesquisa, o trabalho, a cultura e a práxis.

No ponto de culminância das rotas, utiliza-se a metodologia de socialização das experiências de cada rota (cada uma com as demais) chamada Instalação Artístico-Pedagógica. Cada rota cria sua instalação baseada na experiência que vivenciou e todos se visitam alternadamente formando um rico intercâmbio de experiências. A instalação tem um caráter artístico, pois usa de forma lúdica elementos visuais, aromas, sabores, além de recursos de teatro, música e poesia para provocar aqueles que visitam a instalação, bem como compartilhar a vivência obtida nos territórios. Também é presente o caráter pedagógico da Instalação, pois a partir dessas provocações emergem conversas e reflexões acerca dos conteúdos experienciados na rota. Trata-se de uma metodologia que inviabiliza a monopolização da fala e a construção de um discurso único, convidando todos a se colocar, perguntar e questionar, ampliando a participação coletiva neste processo de reflexão e tomada de consciência conforme a Pedagogia da Alternância de Paulo Freire. Reconhecemos, portanto, que esta metodologia dialoga diretamente com o princípio da Complexidade na Educação em Agroecologia, principalmente pelo seu caráter de socialização participativa de processos e práticas agroecológicas, valorizando os conhecimentos, as culturas populares e as suas formas de expressão.

Ainda na culminância, realiza-se um Seminário Estadual de Agroecologia, em que se procura destacar e trazer ao debate questões pertinentes ao território que recebe a Caravana em sua culminância, a partir da voz de pessoas daquela região e dos conflitos e anúncios presentes. Também são expostas e debatidas questões que abrangem a construção da Agroecologia a nível estadual, bem como de ordem geral, a depender da conjuntura política e social dos grupos organizados.

A Caravana se encerra com um Ato Público que tem por objetivo travar um diálogo com a sociedade local a partir de uma intervenção no espaço público. Os conteúdos dessa intervenção têm como diretriz a articulação entre a denúncia crítica dos impactos do agronegócio no território e os anúncios de construções de alternativas resistentes ao modelo hegemônico na agricultura, construídos e elaborados criativamente a partir da pergunta geradora: “Por que interessa à sociedade apoiar a Agroecologia?”. Nestes últimos dois itens, reconhecemos também o diálogo direto com princípio da



Transformação na Educação em Agroecologia, principalmente pela atuação crítica sobre todas as formas de dominação e desigualdades sociais.

3. A Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira-SP: aprendizados e desafios

Preservada esta estrutura básica comum a todas as Caravanas, procurou-se traçar outras diretrizes para a construção da Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira, a partir do repertório acumulado pelas anteriores e das demandas pertinentes à articulação estadual em São Paulo. Destacaremos aqui a concepção de rotas temáticas implementadas na Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, rumo a Casimiro de Abreu-RJ, onde as experiências visitadas por uma rota traziam à tona questões, conflitos e desafios com semelhanças profundas, o que favoreceu maior aprofundamento das principais questões pertinentes a cada rota ao longo da atividade.

Na Caravana, a construção das rotas buscou manter um olhar sensível, considerando que “num grupo heterogêneo, cujos participantes vêm de contextos socioculturais diferentes, as metodologias devem propiciar a construção de signos comuns e criar situações em que pessoas com consciência de suas experiências em diferentes níveis e assuntos possam interagir” (LUZ, 2007, p 48). Os temas que orientaram o agrupamento dessas experiências a partir de suas semelhanças foram elencados com base no acúmulo de discussões e demandas afloradas nas Caravanas anteriores. A seguir:

Território, comunidades tradicionais e Unidades de Conservação - as experiências visitadas foram a comunidade caiçara do Sertão de Ubatumirim, município de Ubatuba, litoral norte de SP; comunidade quilombola dos bairros Ribeirão Grande e Terra Seca e comunidade quilombola do bairro do Cedro, município de Barra do Turvo, região do Vale do Ribeira-SP. O grupo de caravaneiros que percorreu esta rota reuniu pessoas do Espírito Santo, de Viçosa-MG, alguns participantes do Centro-Oeste que se conectaram no período de preparação da Caravana de SP, enquanto se realizou uma Caravana também naquela região, além de pessoas das regiões visitadas que foram se incorporando à Caravana. As experiências possuem como principal desafio comum o fato de serem comunidades



tradicionais situadas em áreas próximas ou sobrepostas às Unidades de Conservação, que restringem o uso dos recursos pelas comunidades.

Agroturismo de base comunitária e agrobiodiversidade - as experiências visitadas foram a propriedade de Hailton, Rosana e filhos, no bairro do Pinheirinho, divisa com bairro Vargem Grande, município de Cunha-SP; a Organização de Controle Social (OCS) do bairro Mato Dentro, município de São Luís do Paraitinga-SP e o Quilombo Ivaporunduva, município de Eldorado-SP. O grupo de caravaneiros que percorreu esta rota reuniu pessoas do Rio de Janeiro, além de pessoas das regiões visitadas que foram se incorporando à Caravana. As principais semelhanças entre as experiências visitadas por esta rota são as do Agroturismo de Base Comunitária como estratégia para geração de renda e garantia de condições melhores para a permanência na terra, bem como o desafio de resgate, preservação e reprodução de sementes crioulas para ampliação/recuperação da biodiversidade local em uma perspectiva de autonomia.

Agricultura Urbana e Grupos de Consumo Responsável - as experiências visitadas foram o Centro de Formação Campo-Cidade do MST, município de Jarinu-SP; a Comuna da Terra Irmã Alberta, um acampamento localizado em área periurbana de São Paulo, no bairro de Perus; a horta de Dona Terezinha, da Associação de Produtores Orgânicos da Zona Leste, no bairro de São Mateus, São Paulo-SP; a sede do CRU - Coletivo Rural Urbano, grupo de consumo localizado na Vila Socialista, em Diadema, região metropolitana de São Paulo-SP e a comunidade do bairro do Guapiruvu, localizada no município de Sete Barras, Vale do Ribeira - SP. O grupo de caravaneiros que percorreu esta rota reuniu pessoas do norte de MG, de Sete Lagoas e região metropolitana de BH, de Lavras, ao Sul de MG, além de pessoas das regiões visitadas que foram se incorporando à Caravana. O desafio em comum dessas experiências está em desenvolver práticas de produção e comercialização sustentáveis em regiões metropolitanas, como São Paulo. No Vale do Ribeira - SP encontramos o laço que conecta a iniciativa de compra direta de produtos agroecológicos e da agricultura familiar pelos trabalhadores da Vila Socialista, em Diadema - SP, através dos agricultores de Sete Barras, organizados na rede de cooperativas Aliança 7B, apresentada pelos anfitriões do bairro Guapiruvu.

Cooperativas e assentamentos rurais - as experiências visitadas foram o Assentamento Mario



Lago, em Ribeirão Preto-SP; a Ecovila Tibá e o Banco Comunitário Nascentes, em São Carlos-SP; o Assentamento Luiz Macedo, em Apiaí-SP e a agroindústria da Cooperafloresta, em Barra do Turvo - SP. O grupo de caravaneiros que percorreu esta rota reuniu pessoas de Uberlândia-MG, além de pessoas das regiões visitadas que foram se incorporando à Caravana. Do ponto de vista do território em que estão inseridas as experiências visitadas em Ribeirão Preto e São Carlos, identifica-se a presença ostensiva e predatória do agronegócio, materializada nas enormes extensões de monoculturas de cana e laranja. Trazendo à luz a temática de assentamentos, a rota possibilitou o encontro com uma diversidade de módulos rurais e propostas comunitárias, ampliando as reflexões sobre o tema. Em todos os casos visitados, as experiências agroecológicas trazem o desafio de gerir e reproduzir a vida em um assentamento rural com acordos coletivos e relações comunitárias importantes.

Juventude e Gênero - a rota partiu de um primeiro intercâmbio entre agricultores de dois assentamentos localizados no Pontal do Paranapanema: Assentamento Boa Esperança, em João Ramalho - SP e Assentamento Dom Tomás Balduino, em Sandovalina - SP. A seguir as experiências visitadas foram a OCS Unidos Venceremos, com liderança da agricultora Maria Rodrigues, do Assentamento Horto Bela Vista, em Iperó-SP; a experiência da família Silva, do Assentamento Carlos Lamarca, protagonizada pelo jovem agricultor guardião de sementes Daniel Silva; a cooperativa de produtos cosméticos naturais e ervas medicinais Coopplantas, formada por mulheres no município de Itapeva-SP e a experiência de comercialização das mulheres dos Quilombos Terra Seca e Cedro, em Barra do Turvo - SP. Destaca-se que, nesta última, as mulheres da Caravana criaram um espaço resguardado para elas, incorporando mulheres das outras rotas em uma roda de conversa voltada para questões de gênero, tomada de consciência e protagonismo feminino na atividade. O grupo de caravaneiros que percorreu esta rota reuniu pessoas de diversas partes do estado de São Paulo, principalmente das regiões visitadas.

A região do Vale do Ribeira - SP, culminância da Caravana, enriqueceu a experiência formativa da atividade pelos conteúdos que o histórico de sua formação territorial trazem à tona e pelos sujeitos que constroem suas múltiplas territorialidades camponesas na região. A ocupação e exploração econômica moldada pelas limitações e obstáculos naturais aos grandes cultivos de monocultura que se



expandiram com maior velocidade em outras regiões do estado, o relevo acidentado preenchido por uma densa vegetação de Mata Atlântica, aliado à distância de centros comerciais fez com que a região ficasse à margem do crescimento econômico paulista, o que não significou de modo algum a ausência de ocupação humana com atividades produtivas. Esses fatores, ao contrário, contribuíram para que a ocupação das comunidades de quilombos, indígenas, caiçaras e camponeses de um modo geral se preservasse de forma mais autônoma das determinações do mercado no que tange à integração econômica ao grande circuito da produção agrícola. Os cultivos dessas populações, baseados no roçado tradicional de milho, feijão e arroz, somados aos quintais e pomares diversificados, mantiveram uma dinâmica de produção e organização econômica voltada para o autoconsumo e venda em comércios locais. Esse contexto, aliado aos fatores de ordem territorial jurídico-administrativos, como a criação de Unidades de Conservação e a Política Ambiental preservacionista, impuseram restrições ao uso dos recursos da terra pelas comunidades, o que as impulsionou a buscar alternativas e aprimoramento de seus processos de produção agrícolas, no sentido de torná-los ainda mais sustentáveis e adequados aos padrões legislativos impostos. Neste contexto, riquíssimas experiências de Sistemas Agroflorestais se desenvolveram com protagonismo da Cooperafloresta – Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis.

O destaque para estas experiências durante a Caravana se deu tanto pela visita aos Sistemas Agroflorestais (SAFs) de agricultores associados à Cooperafloresta, em sua maioria quilombolas, como também pelos alimentos consumidos nos dias em que ocorreram as atividades da culminância em Barra do Turvo - SP. Todos os produtos consumidos eram agroecológicos da associação, inclusive os grãos, que apesar não serem produzidos naquela região, são ali distribuídos a partir de uma Rede de Comercialização com um circuito logístico integrado às várias unidades de produção orgânica e agroecológica, a Rede Ecovida, da qual a Cooperafloresta é integrante. Aqui destacamos o princípio da Vida trazido pela proposta da Educação em Agroecologia, considerando sua otimização e valorização, o fortalecimento de processos endógenos, locais e comunitários e de uma economia ecológica e solidária.

O último processo educativo que gostaríamos de analisar neste resumo diz respeito à construção



coletiva das estratégias de comunicação da atividade para o público externo a ela.

Destacamos a criação de uma campanha de financiamento colaborativo em uma plataforma online chamada Catarse. A campanha foi criada com o objetivo de captar recursos para potencializar as estruturas e assim ampliar a participação das pessoas interessadas. Mais que isso, a campanha possibilitou a divulgação de todo o projeto Comboio a grupos da sociedade distanciados desse campo do conhecimento. Para registro e divulgação da Caravana formaram-se grupos de trabalho (GTs) com funções específicas distribuídas por todas as rotas. Foram esses: Fotografia; Registro audiovisual; Facilitação gráfica e Relatoria.

Cada GT foi composto por profissionais e entusiastas daquela função/atividade, o que por si só propiciou um intercâmbio formativo entre seus membros. Mas, para além disso, os GTs garantiram um espaço de participação ativa para os participantes da Caravana que os integraram, ampliando ainda mais o grau de protagonismo de todos os envolvidos na construção da atividade.

4. Considerações finais

Consideramos que a síntese desse processo de articulação entre (1) distribuição geográfica das experiências, abrangendo a maior amplitude possível dos territórios contidos no estado de São Paulo, com (2) seu agrupamento por eixos temáticos, em um modelo logístico viável para a duração e disponibilidade de recursos/estruturas da atividade, gerou resultados importantes tanto do ponto de vista da articulação política da Agroecologia no estado, quanto do processo formativo a que atividade se propôs.

O fortalecimento das relações entre as organizações que trabalham cotidianamente a Agroecologia por todo estado refletiu-se, por exemplo, na integração dos territórios nas discussões acerca da Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica, que vem sendo debatida no âmbito da rede APA – Articulação Paulista de Agroecologia. Essa integração possibilitou a expansão do debate democrático acerca do acesso às políticas públicas estaduais e também garantiu a visibilidade para questões importantes à Agroecologia, mas que muitas vezes permanecem dentro de um debate



restrito aos territórios em que ocorrem, a partir de situações concretas mais latentes.

Apesar de ser um território rico em experiências agroecológicas, o Vale do Ribeira se encontrava afastado das discussões e encontros promovidos pela Articulação Paulista de Agroecologia. Convidadas a participar e receber as visitas da Caravana, várias organizações e comunidades camponesas ligadas diretamente ou indiretamente ao fazer agroecológico puderam se incorporar de forma mais concreta aos debates a nível estadual e regional Sudeste.

Do ponto de vista formativo, destacamos a utilização do território como unidade de análise, que permitiu a reflexão e aprendizagem coletiva de forma mais integrada e relacional acerca dos conteúdos das experiências, suas resistências e disputas contidas em cada realidade. Além disso, a utilização de metodologias inovadoras para o compartilhamento das reflexões e vivências, como as Instalações Artístico-Pedagógicas, garantiu um processo educativo de trocas de experiências e construção do conhecimento agroecológico que envolveu toda a diversidade de participantes da Caravana de forma ativa e protagonista.

Referências

DORNELAS, Rafaela Silva. *Movimento Agroecológico no Brasil: Considerações sobre a dimensão política e os saberes na Agroecologia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, UFES. Vitória, 2016

GONÇALVES, Carlos W. Porto. *Da geografia às geo-grafias — um mundo em busca de novas territorialidades*. In *La guerra infinita — hegemonia y terror mundial*, Clacso, Buenos Aires, Argentina, 2002

LUZ, Claudia. *Articulação Mineira de Agroecologia: o papel das redes na construção do conhecimento agroecológico*. In *Construção do conhecimento agroecológico: novos papéis, novas identidades*, Articulação Nacional em Agroecologia. 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 78, Coimbra, 2007.